

# O POVO

ORGÃO — NEUTRAL — DOS INTERESSES MORAIS E MATERIAIS DA PROVÍNCIA.

Assinatura

POR UM MEZ ..... 1\$000

Fé, Progresso, Liberdade.

Publicação  
Uma vez por semana

Redactor e Editor—responsável—J. M. Velasco.

## O Povo

Acaiu-se finalmente entre nós, S. Ex. Rev.º o Snr. Bispo D. Carlos Luiz de Ameur.

Que é esse um importante motivo de geral regozijo, provam-n'o—a alegria com que era S. Ex. Revm. esperado,—a entusiastica alegria com que foi recebido,—as manifestações de apreço e estima de què tem sido exercido desde o dia de sua boa vindia à séde da sua diocese.

E que não há ali alma alguma sinceramente amiga da verdadeira Igreja Christã, que se não sentisse profundamente contristada, revoltada mesmo, ante o lamentavel espetáculo da desmoralização e aviltamento, seja-nos licite dize-lo, em que pouco e pouco e progressivamente ia caindo a Igreja Cuiabana, que, dir-se-hia, entrara em um periodo fatal de desorganização, de dissolução, cuja consequencia—não podia ser senão o caímos—ou a morte,—se vontade energica e forte a não sustivesse á tempo.

Sabe S. Ex. Revm. que a parte ignorante do nosso povo, quer dizer, a maior parte da população do Brasil, só conoce da nossa religião,—e isso mesmo de cista,—os seus actos extermos, o principal dos quais o Santo Sacrificio da Missa, é rezado em latim, que elle não entende,

O que propriamente se pôde compreender por educação religiosa—é belida—parte no ensinamento oral e escrito (moral e religioso) e parte (esta a mais influente) no bom exemplo dos mais competentes para dâ-lo,—os padres, os intermediarios terrenos entre Deus e a sua fragil criaatura, os nossos pais espirituales em si,—essa não deram ao povo,—elle não a tem.

Tem, sim, o respeito, o culto à tradição, o que vulgarmente se chama religião bebiada com o leite materno,—á doce e veneranda recordação dos tempos em que a carinhosa mãe, entre severa e risonha, o ensinava á noite e ao amanhecer, à juntar as mãos—e a repetir a sublime supplicação—“Nosso Pai, que estás no Céo”.

Esta religião, porém, que lhe fica como uma espécie de intuição, é não

mais que um bom germe, que, precisa de cuidados, de cultivo, para desenvolver-se e produzir os fructos desejaveis,—porque sem elles permanecerá inerte e inaproveitável ou poderá atrofiada ou estinagada sob os encantos do século.

Ama a igreja,—porque a igreja é a representação material d'aquella sagrada tradição, o sancntuário de suas esperanças, o foco de irradiações benficiais e salutares, onde vae esquecer os sofrimentos passados e beber forcas para os futuros,—porque a igreja é para elle—a religião.

E quando vê que a casa em que se lhe diz que habita o Deus Vivo, nada mais é na realidade que um centro de discordias e de intrigas, onde à par de interesses tacanhos e inconfessáveis, as mais condenáveis paixões se chocam, debatem-se e dilace am-se—publicamente, à face de Deus e dos homens,—elle, o povo ignorante, que julga da religião pelo que d'ella vê,—descrê da religião, porque descreio da igreja,—descrê do altar, porque descreio dos ministros do altar.

Se o nosso povo,—e especialmente o povo Matto-Grossense, não tivesse o sapo e desenvolvido o germe de que acima fallamos,—à fé quasi instintiva, á fé—dogmatica, católica,—a fé que manda «crer ainda que parece absurdo»,—é provável que S. Ex. Rev.º viésse encontrar as suas ovelhas—completamente e para sempre desgarradas do aprisco.

Não as encontrou assim:—ainda bem.

Os seus trabalhos serão ardus.... Embora:—temos esperanças de que os levára á frente, porque vemos em S. Ex. Rev.º empriadissimas boas e grandes qualidades necessarias para que os seus diocesanos se tenham por garantidos da realização de umas das suas muitas esperanças....—engrandecimento e a prosperidade da sua igreja, livre dos abusos que a matam,—isto é,—a lapidação do seu diamante.

Não seremos nós entretanto quem aconselhe a S. Ex. Rev., rigores, que, é nessa opinião, conseguiram apenas exacerbar animos e apressar esse desmoronamento imminente, que é

ao contrário:—pensamos què deve S. Ex. Revm. fazer do primeiro dia da sua administração, a data memória de uma nova era,—éra de paz, de amor, de concordia, de charidade christã, emfin, e sobretudo de bons exemplos, que é do que mais precisa o povo....

Christo um dia expulsou os mercadores....

Não pedimos tanto á S. Ex. Revm. Expulse os templos as mercadorias e terá feito inuito.

O resto o fará o tempo, a instrucção e—super omnia—a Providencia Divina, —Deus!

Temos a hora e o prazer de apresentar á S. Ex. Revm. e Snr. Bispo de Cuiabá os nossos respeitosos e sinceros cumprimentos.

J. M. Velasco.

## Echos da Siberia

Pelo governo imperial foram nomeados—para os cargos de 1.º Vice Presidente e Comandante Superior da Guarda Nacional da Província S. Ex. o Snr. Dezembargador Firmino José de Mattos—e para o de 2.º Vice-Presidente da mesma—o Snr. Tenente Coronel José Lette Galvão.

Comprimentamo-los com prazer

Para destruir falsos e caluniosos juízos e evitar novos temerários equívocos, declaramos, com plena scienzia do que afirmamos, que o epitheto—excomungado [v. n.º 14 de POVO] com que o Padre Casimiro Ponce Martins, vigario encomendado de S. Luiz de Cíceres, tem brindado o nosso amigo—Padre Virgilio Franco da Silva, Capellão do batalhão 19, ali estacionado,—tem origem—não em procedimentos indignos de um homem de bem,—mas simples e unicamente no facto de ser o mesmo Sr. Padre Virgilio—MACON.

Eis a verdade.

No dia 5 do corrente, por occasão do embarque dos passageiros, saídos deste porto com destino a outros do império ou do exterior, deu-se um incidente verdadeiramente lastimável entre os ditos passageiros e o commandante do vapor que faz o serviço de navegação entre esta cidade e a de Corumbá.

Não é nos o intento relatar as ocorrências desagradáveis d'esse incidente, em que a razão estava, toda do lado dos passageiros, provocado como foi elle pelo ditto commandante, alias pessoa bem quista na Província, e digna a ser.

Esse facto porem, som consequências graves na occasião, vez de que podia ter-las funestíssimas; talvez, se não fosse a intervenção á tempo de alguns dignos e bem intencionados cavalheiros (entre os quaes não se deve contar o individuo Pedita, actual chefe de polícia, — que presenciou o caso — mudou o quêdó — como o outro da fabula); — esse facto, talvez, sugeriu-nos algumas considerações que accreditamos justas e dignas da attenção do governo imperial, á quem pedimos, também, desver os verdadeiros interesses da Província e dos seus habitantes, providências sobre o importante assumpto de que nos vamos a ocupar ligeiramente, — porque infelizmente a pequenez do nosso paiz não nos permite mais.

E incontestável que a Companhia de Navegação a Vapor entre a capital e a do império, trata os com o mais supremo desdém, como um pouco caso e desrezo que já se tem feito divers, e contra os quaes debalde tem clamado, — particularmente — estúclar, porque essa Companhia é um potentado, e contra os potentados só se falla aquit — em /emilia.

Não temos à vista o contrato celebrado por essa companhia com o nostro governo para a navegação de Cuyabá á Corte: — temos, porem, certeza de que n'elle não está consignado que os passageiros d'esta província se amparados como mercadorias de pouco mais ou menos.

Muito ao contrario, — quer-nos parecer, que assiste-nos direitos garantidos e inabaláveis ás comodidades que não temos, que

nós negam e que se não pensardarnos jamais, e temos diritos, já não diremos pelas não pecanças quantas (apezar das reduções) que se nos cobra por passageiros de passageiros e por fitões de cargas, mas por essa louca subvenção, que o estado — paupérrimo e esfarrapado — paga á rica e opulenta Companhia, — em beneficio mais das repúblicas Oriental e do Paraguai, que não nos consta que cada paguem, — do que d'esta província pobre vítima dos caprichos prepotentes de todos: — subvenção que no estado da Paraíba desesperadora em que se acham os nossos cônscritos é mais que um absurdo, é um verdadeiro crime, — porque é um roubo feito ao paiz à bem dos interesses de um particular: subvenção, finalmente, sem a qual, teríamos navegação, como a que temos, e talvez mesmo em melhores e mais prosperas condições.

O serviço de navegação, feito pelos vapores da Companhia, entretém os portos em que admite concorrência, não é o melhor, quer pelas comodidades que oferece, quer pelos preços das passagens e factos (sendo digno de nota que os concurrentes não percebem subvenção alguma!); — é mau entre Corumbá e Cuyabá, donde essa concorrência não existe e quasi não é possível.

Dicemos é mau... Distinguimos. No tempo das aguas, tempo em que o vapor da Companhia pode chegar até o porto desta capital, — é mau; — é péssimo, porem, e insuportável durante a seca, porque aquelle vai á flutuação á 10, 12 e até mais de 14. legnas distante d'este porto, concedendo-nos a Companhia para o resto da viagem um saveiro — movido á zingas, em que passageiros e bagagens veem aglomerados, confundidos, como cargas de pouco trato e nenhuma importância.

Quer dizer, se jaitem-se tão sensível tratamento os passageiros que não dispõe de recursos para alugar animais e effectuar o resto do trajecto por terra, — que é o que fazem quasi todos, ha muito tempo, em que até hoje a Companhia tem considerado que é melindre facto importa a condenação do seu procedimento pouco escrupuloso, e procurado, empurrando com os seus deveres, evitar aos passageiros os pregiados, os contra-

tempos e as mil contrariedades de tal viagem por terra, à custa própria, — na triste terra que ali não revereia a imprensa a compatria, nem sequer se lembraria de fazer a sequer lhe rogar, redução alguma no preço das passagens, — que fôra de justiça e a sé mais satisfeita.

Não são estes os únicos argumentos que temos dessa Companhia, malogrado no seu, porém, somos forçado a limitarmo-nos por hoje a esse effêito d'ela.

Mais tard, e então munidos de documentos, livraremos á este assunto que estudaremos mais detidamente.

**Edifício removido.**, á seu pedido, da Relação d'esta Capital para a do Recife, o Dezmembargador Sebastião Cardoso, — sem que se tenha tratado de, na mesma occasião, preencher a vaga por elle deixada aqui.

E assim vai a Relação de Cuyabá continuando a viver essa existência viciada e irregularíssima, que tem vivido desde a sua criação, — contra a qual tanto se tem clamado e protestado, e que a torna talvez unica entre as mais! . . .

E' pois tão impossivel assim encontrar-se homens bastante desinteressados, que em prob da Justiça e do bem publico, queiram consentir em sacrificar as suas aspirações — políticas, monetárias, ou simplesmente — sybaritas?

E quando por infelicidade do paiz, assim seja, não disporá por ventura o Governo de S. M. o Imperador dos meios de exigir á fiel cumprimento de seus deveres os desembargadores nomeados para esta abandonada, para esta á todo transe evitada Província?

Queira o governo central ser energico, queira ser elle mesmo um pouco mais cumpridor de seus sagrados deveres para com o paiz, — e a Relação de Cuyabá deixará de ser o que até aqui tem sido, — uma verdadeira ficção, ou antes — uma mystificação.

No dia 21 de Abril ultimo, das 8 ás 9 horas da noite, no lugar denominado Bahia — Verde, à margem do S. Lourenço, foi assassinado com uma facada, por um escravo do Seur. Augusto

Carstens, de nome—Benedicto,—o Sr. Jürgen Christian Carstens, irmão do mesmo Sr. Augusto.

O Subdelegado de districto procedeu ao necessário corpo de delito sobre o cadáver da vítima e remeteu o auto respectivo para Córumbá.

O assassino fugiu—rio-acima.

O Sr. Augusto ao saber da horrível notícia, dirigiu-se à Secretaria da Polícia a dar parte do sucedido e a pedir uma escolta para a apreensão do assassino.

Não sabemos que providências tomou à respeito o individuo que actualmente exerce o cargo de chefe de Policia.

Informão-nos que—nenhuma.

A vítima era natural da Alemanha, de onde viéra como colono para esta Província.

#### Última hora.

O individuo Pedro está querendo principiar a tomar providências!!!



**Teve lugar, sabbado passado,** o anunciado espetáculo—offerecido pela sociedade dramática particular—*Amor à Arte*—em benefício da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Corsina Honorina Pelxoto Pitaluga,—um dos mais brilhantes ornamentos do digno corpo scénico da mesma.

Foram levados à cena—*O Anjo Maria*,—drama em 3 actos, de um merecimento moral e intellectual indiscutível,—e a fina e espirituosissima comédia de Pinheiro Chagas, o popular escriptor português, intitulada—*Quem desdenha....*

O desempenho tanto do drama como da comédia, foi geralmente satisfatório,—conquistando ainda uma vez,—e com inteira justiça, os aplausos de todos, essa pleia de moços intelligentes e dedicados, que tantos sacrifícios têm feito para erguer o nosso théatre das ruínas sob que a chava-se submerso, dir-se-hia que—para sempre.

Fundo o 1.<sup>o</sup> acto do drama, erguido o panno, no palco e em presença do corpo scénico, o Sr. João de Castro, um dos seus distintos e intelligentes membros, recitou uma bella poesia dedicada à Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Corsina, terminada a qual, o Sr. Oliveira, em seu nome e no de seus companheiros, em breves palavras, offertou a mesma Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> um rico álbum, em prova e como lembrança, da estima, apreço e consideração que justamente lhe sagram e de que tão merecedora se tem feito.

O Sr. A. Jansen Tavares, ao subir o palmo para o 1.<sup>o</sup> acto, fez distribuir em impresso, pelos espetadores, um pequeno mas entusiastico discurso em homenagem ao mérito da inteligente e festejada joven,—à

quem, por nesse turno, o seu nome de todos os que presentes eram e aplaudiam a seu triunfo,—cheio de respeito e de admiração—compreendiamos.

Reproduzimos aqui, à pedido da Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Corsina,—como um público testemunho da sua gratidão,—as palavras de reconhecimento que do palco dirigiu aos seus colegas e aos espectadores.

«Minhas senhoras e meus senhores.—Perdone-me se fraca pela inteligência e pela instrução e—fraca ainda mais pela justa comunicação que me domina, eu venho dizer-vos—neste momento tão solene para mim, não mais que uma palavra, mas essa tão profundamente sincera, quão profundos e sinceros são os sentimentos que por vós me palpitan na alma reconhecida:

Obrigada.

Obrigada aos meus companheiros de trabalho, pela nobre idéa que iniciaram:—obrigada à vós, pelo modo brilhante e digno porque os ajudastes à realizá-la.

Sóis todos bons e nobres, senhores.

Que Deus vos pague em bençãos o benefício que fazéis-me,—a felicidade de que ora enche-me o coração.

Obrigada, oh! mil vezes e para sempre—obrigada.»



Em sessão da cámara dos deputados, em 8 de Março ultimo, por ocasião da discussão (2.<sup>a</sup>) do orçamento do ministerio de estrangeiros, pronunciou um dos nossos deputados, o Sr. Dr. Malheiros, um applaudido discurso, cujo resumo, por não nos ser possível mais, dâmos na secção competente,—transcripto do Cruzeiro.

#### SEÇÃO LIVRE

##### Câmara dos Srs. deputados.

Sessão em 8 de Março de 1879.

(Entra em 2.<sup>a</sup> discussão o projecto relativo às despesas do ministerio das estrangeiros para 1879—1880.)

O Sr. Malheiros, antes de começar a discutir o projecto, deseja que a mesma lhe informe se o pode fazer independentemente da presença do ministro da respectiva pasta.

O Sr. Presidente informa que, segundo o regimento, foi enviado ao nobre ministro dos negócios estrangeiros a ordem do dia, pela qual S. Ex. veria que entrava hoje em discussão o projecto de orçamento do ministerio à seu cargo.

O Sr. Ministro da Fazenda, pedindo ao orador licença para interromper-o diz que o nobre presidente do conselho, ministro interino dos negócios estrangeiros, se não estava presente, era porque assistia no senado a discussão do projecto de resposta à falla do throne; que, porém, o orador e seus colegas presentes estavam prepa-

tos a dar qualquer explicação que fosse solicitada. Conseguiu, imediatamente o orador expedir aviso ao nobre presidente do conselho de que entrava em discussão o orçamento do ministerio dos negócios estrangeiros.

O Sr. Malheiros diz que há tres escolas de oratoria parlamentar: clásica, romântica e realista.

A escola clásica se caracteriza d'este modo: *sequitur verba*; é a escola dos palavrões, que rouba o tempo, proteja as discussões,

A escola romântica é a das flores de rhetorica, *fluvia verba*, sem nenhum resultado práctico.

A escola realista é a de *res non verba*, dos factos, e não sómente para mostrar dotes oratórios.

Para não destoar da escola realista, a que pertence, o orador entra na discussão.

Tomou a palavra contra, porque quer apresentar algumas observações sobre as emendas oferecidas pela comissão de orçamento, de que se ocupa.

Acha que em certos paizes, como na Austria-Hungria, Italia, Russia e Prussia, devemos abolir os legados de enviados extraordinários e ministros plenipotenciários, ficando apenas os encarregados de negócios.

Em casos extraordinários, como o da guerra do Paraguai, admite esses enviados extraordinários; mas em paizes com os quais temos apenas interesses commerciais, não sabe o orador para que aquellas legações.

Entende que os paizes onde devem elas ficar, são a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Norte e a França.

Propõe, portanto, a suppressão desses enviados extraordinários, porque entende que é um luxo diplomático.

A vista das declarações que ihe faz o nobre relator da comissão de orçamento, que diz que, se necessário for, serão suprimidas todas as legações, o orador folga, porque pensava estar dizendo alguma cousa desagradável.

Ocupa-se da nossa legação em Rússia, onde della não ha necessidade.

Entende o orador que não se pode manter essas legações, por estar o paiz em uma época de necessidade e penuria, em que deve fazer toda a economia.

O orador narra uma anedota de um fazendeiro com um individuo, que casara com uma moça rica e apresentou-se em sua fazenda vestido de certo modo luxuoso, mas impróprio e de mau gosto, anecdota que dá a moralidade do facto de não saber ser rico.

Então diz o orador que nós temos pouca prática de sermos ricos, embora a Providencia nos proteja escandalosamente, se lhe permittem a expressão.

Não sabe quando terá fim esse deixijo que nos tem trazido tantas dificuldades, diz que é necessário termos juízo e que não conseguimos entrar no caminho da verdadeira economia e prosperidade enquanto houver ESCRAVATURA.

**EXCELENTE AMIGO . . .**  
PARA S. EX. O SNR. MINISTRO  
D'AGRICULTURA, MIGRAÇÃO E PRO-  
VIDENCIAS.

Não é de ignorâncias de haver muito tempo, que, por tolerância ou condescendência nossa, temos deixado de ocupar a imprensa chominando por intermediação d'ela a atenção do governo para as faltas de remessa de correspondência, pelas agências do correio do sul da império, aos respectivos destinatários.

Hoje, porém, resolvemos dar um passo n'esse sentido, ocupando as colunas da «Povo».

São revoltantes e assim censuráveis essas faltas que continuamente se dão, em detrimento do interesse particular.

Caras e jornais por nós remetidos desta cidade a alguns amigos nas províncias, uma ou outra vez tem sido entregues e assim vice-versa.

Ora, que só pretenda occultar dos olhos do paiz esses periódicos *antecedentes* que *inconvenientemente* da guerra recitam os actos governamentais meus justos, embora seja essa medida absurdamente mineral.....va lá... A corrupção vem de alto ( segundo a phrase de finado Inhomirim ) e dela é que baixam as providencias e remedios *antidotos*. Silêncio !

Possam que nos roubem as cartas das nossas amigos, ou d'aqueles com quem estretemos relações comerciais, causando-nos às vezes gravíssimos prejuízos, que nos roubem jornais governistas e até mesmo os officiares..... e demás !..

Este críme, que crime é, dâ-se quotidianamente no Brasil,—sem que os clamores dos passageiros consigam atrair a atenção dos homens encarregados de velar pelo nosso bem estar e interesses gerais.

Entretanto o antídoto contra este grande mal só nos pode vir do Governo—e enquanto não o chegará elle,—o mal existirá e cada vez em maior escala.

Appeliamos portanto para as esclarecidas providencias do seu Ministro d'Agricultura sobre este importante assunto.

Será bom S. Ex. attender-nos; pois si a nossa fraca voz ecoar nas altas regiões governamentais,—attendidos serão também os interesses do povo.

Cuyabá, 9 de Maio de 1879.

*é bem publicar*

### A pedido

#### Atenção.

Roga-se ao Sr. Dr. Chefe de Policia (valgo,—o individuo Pedra), o favor de averiguar se é ou não exacto que o Subdelegado das Brótas, depois de haver procedido o exame do corpo de delicto, em edifício ou fallecido José

pães, arranjou uma conta de casas na importância de 110'000 reis que a viúva teve de pagar-lhe, segundo consta.

#### Despedida.

Antonio de Abreu Filho, retirando-se desta cidade e não podendo por falta de tempo despedir-se de todas as pessoas q' o honraram com a sua amizade, vem por este meio pedir-lhes desculpa dessa falta e oferecer-lhes seu limitado prestímo no Rio de Janeiro e Paris, sua residencia.

Cuyabá, 2 de Maio de 1878.

### Anuncios

Antonio de Abreu Filho, representante da casa de Machado & Dias Abreu, do Rio de Janeiro, participa aos srs. negociantes d'esta praça que tendo de retirar-se desta província deixá como encargados da venda de um sortimento de chapéos de diversas qualidades, os srs capitão Gabriel de Souza Neves, Tenente Salvador Pompeu de Barros Sobrinho, Tenente João Baptista de Almeida Filho e Capitão Antonio Moreira Serra.

Cuyabá, 2 de Maio de 1879.

Vende-se—uma escrava de 30 annos de idade, mais ou menos, com todos os prestimos para uma casa de família.—Para tratar-se, em casa do Snr. Carlos Pompeu de Barros,—rua da Bella-Vista [antiga Formosa], n.º 17.

Cuyabá 5 de Maio de 1879.

O abaixo assignado, no dia da chegada à esta capital de S. Ex. Rvm. o Snr. Bispo, perdeu no Porto, ou em caminho do Porto, um anel de ouro, cem pedra verde, joia essa de pouco valor monetario, mas de inestimável preço para o abaixo assignado, por ser uma dadiva e uma lembrança de sua mãe.

Pede poisa quem o tenha achado que lhe faça o favor (porque será sempre grato) de entregar-o ou fazel-o entregar em casa do sur. Tenente Salvador Pompeu de Barros Sobrinho, cu na Typographia do «Povo», rua do Barão de Melgaço n.º 39.

O portador receberá a gratificação de 203039 reis.

Cuyabá 4 de Maio de 1879.  
Antonio Dias Abreu Filho.

No armazém dos Seur. Gouveia e Comp., na ponte do Rozario, em frente a casa do fumado Tenente Coronel Lauriano, encontra-se variado sortimento de louca, fina e grossa, e bem assim bebidas finas, manteiga de superior qualidade e muitos outros artigos, tudo por preço sem igual.

Cuyabá 9 de Maio de 1879.

Gouveia & Comp.

Joaquim Claudio de Siqueira e Elisiario Antônio de Souza, participão á esta praça e aos seus amigos que formarão uma sociedade commercial a oba-firma—Claudionor & Souza—Aproveitão a occasião para pedirem também aos seus amigos e ao respeito do publico à virem visitar o seu establecimento na rua 7 de Setembro n.º 21; promettendo empregarem os esforços para bem servir lhes, tanto nos preços como na qualidade da fazenda &c &c.

Cuyabá 24 de Abril de 1879.

Joaquim Claudio de Siqueira  
Elisiario Antônio de Souza.

O abaixo assignado, competentemente autorizado, abriu uma escola particular á rua do Barão de Melgaço n.º 30, onde ensina a ler, escrever, a prática das quatro operações Arithmeticas, elementos da gramática portuguesa, francese e latina, para o q' conviria aos pais de família que quizerem a instrução de seus filhos nessas matérias, a dirigirem-se ao anunciantre a fim de se ajustarem e respeitar.

Cuyabá, 1 de Maio de 1879.

Padre José Félix Bandeira.

### Vende-se

Uma escrava, de trinta annos, mais ou menos, de idade, com todos os prestimos não só para serviços domésticos, como para serviços de loja. A tratar, na rua 11 de Julho, casa n.º 39

Typ. do Poro, á rua do Barão de Melgaço, casa n.º 39.